

Pósfacio: memórias de uma experiência na educação

Recebi o feliz convite de posfaciar este livro. Tive de pesquisar como, afinal, se faz isso, e encontrei que posfácio é um texto explicativo sobre a obra, um a mais, uma mensagem extra e que não pode se estender... acho que não consegui alcançar os requisitos mínimos da minha tarefa. Alinhavei aqui, no entanto, algumas experiências, grande parte delas influenciada pela convivência com Rodrigo, grande parceiro na vida e no trabalho, meu maior interlocutor nas discussões e reflexões sobre minhas próprias atuações. Sua dissertação faz parte disso.

Não faço um texto adequado do ponto de vista dos critérios desta seção, mas penso que o mais honesto que poderia fazer neste posfácio seria compartilhar um pouco como as discussões presentes nesta obra fermentaram em mim, seja por meio da sua leitura direta ou das diversas discussões que tivemos ao longo destes anos que, de alguma forma, se presentificaram em meu trabalho. Espero que não enfade o leitor que chegar até aqui!

A leitura dessas discussões, agora em formato de livro e com a inclusão de um último capítulo fundamental, me trouxe lembranças, pensamentos, ideias, me afetou. Este livro e suas discussões ressoaram em mim e se conectaram com aspectos da minha própria trajetória e experiência profissional – alguns há tempos esquecidos. Permitam-me então uma digressão, já que uma boa leitura, penso eu, faz exatamente isso, provoca... pensamentos, reflexões... “Tempo vivo da memória”,

como diria Ecléa Bosi (2003)¹ – a quem eu tive o prazer de conhecer –, contra desenraizamento e dessubjetivação. “A sociedade industrial multiplica horas mortas (...)”, já o “tempo biográfico tem andamento como na música desde o *allegro* da infância que parece na lembrança luminoso e doce, até o *adagio* da velhice” (p. 24).

Sento em frente ao computador. E me dou conta de que começo a escrever este texto, curiosamente, na semana de comemoração do dia dos professores. Lembro das várias escolas nas quais estive nos últimos anos e das várias discussões que tivemos nesses espaços sobre temas diversos, mas sobretudo sobre as dificuldades e amarguras em lidar com a falta de reconhecimento do professor em nosso país. A profissão, que é base para todas as outras, carece de reconhecimento no dia a dia e os parabéns e lembranças pelo dia não bastam.

Comecei minha carreira profissional numa escola – no duplo sentido –, desde a graduação era certeza que eu iria para esta área. Tinha a intenção de mudar o mundo e qual melhor lugar que a educação, a escola? Já na graduação, estudava muito esse tema, fazia estágios na área, criava, inventava e me realizava na atuação junto a escolas, até que, já formada, comecei a trabalhar em uma. Ganhava mal, era pressionada por chefias para que conduzisse de “x” maneira e, quando conduzia, era então pressionada pelos pais que discordavam da atuação. Na sala de professores, ouvia todo tipo de reclamação, professores esgotados, queixosos dos alunos, professores que, curiosamente, ou nem tanto, detestavam alunos. Quando o professor faltava, acontecia de chamar a psicóloga – mas pode?! Poder não pode, mas recém-formada, como dava pra dizer “não”? Eu ia lá para a sala de aula, virava “a tia” para os menores e tinha que tirar mil cartas da manga para lidar com os adolescentes do ensino médio e técnico. Que sufoco!

Sai de lá e prometi não voltar para a educação! Muitos anos se seguiram, nos quais trabalhei ininterruptamente em consultório particular e na Saúde Pública. Nesta época, conheci o Rodrigo e começamos a trabalhar juntos, a partir daí em muitas apostas de trabalho. Dentre outras atuações, atendi em algumas Unidades Básicas de Saúde (UBS) – o tal do “postinho”. Lá, recebia muitos encaminhamentos de professores. Uma professora me disse, certa vez – e eu nunca me esqueceria –, que na verdade ela me encaminharia “a sala inteira” – pensei muito nesta frase durante todos os anos que se seguiram.

Trabalhei em Centro de Convivência e Cultura, que constituía parte da rede de Saúde Mental, lá fiz muitas coisas até assumir a coordenação do equipamento, mas a primeira delas, foi coordenar uma oficina de artesanato com materiais recicláveis. Era dentro de um parque e como isso era bom! Me lembrava da infância! Um ou

1 BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

outro, de vez em quando, me chamava de “professora”. Depois disso foram longos anos de trabalho com gestão em saúde mental. Até que, com as reviravoltas do destino e com a certeza matemática do sábio ditado “nunca diga nunca”, eis que voltei para a educação!

Foi um reencontro – difícil, pois eu já tinha fechado as portas dentro de mim: um sonho findo de juventude (?). Mas, enfim, um reencontro feliz. Pude retomar minhas esperanças e acreditar na educação novamente. Fui ler, estudar – muito! Tinha uma década e meia pra correr atrás. E foi feito a mim um pedido especial, ao qual fui muito grata: que eu pudesse “olhar para os professores!”. E que considerasse uma perspectiva “macro” para tanto. Eu já trabalhava com a Psicanálise de Grupos e Instituições de René Kaës, o qual Rodrigo me apresentou, recomendando em seguida também Maria Inês A. Fernandes, uma grande referência na área, com quem fui fazer mestrado e ele, depois, doutorado; e a perspectiva de um trabalho institucional desse porte era desafiadora, às vezes desesperadora, mas também muito interessante!

Muitas vezes tive de bater o pé para continuar podendo “olhar” para essa direção, afinal quem vê um psicólogo na educação e já não pensa imediatamente num “caso”, num aluno? Discuti muitos “casos” de alunos com professores, diretores, coordenadores, supervisores...

Eram dois mil professores. Cinquenta e duas escolas. Uma única psicóloga para esse trabalho! Trinta e dois mil alunos, pelo menos. Um baita desafio. O que fazer? Como realizar um trabalho de modo a não se tornar uma simples gota no oceano? Ou como uma única gota poderia produzir alguma transformação significativa? (Tal como a “batida da asa da borboleta”?). A solicitação mais óbvia era de que eu fizesse atendimento clínico. Não era raro ouvir: então você vai atender os professores? E eu era grata mais uma vez, pois embora atendimento clínico fizesse parte da minha vida, da minha experiência e do meu gosto profissional, essa perspectiva me soterraria com excesso de trabalho de uma demanda sem fim e não faria efeito algum pensando no “macro”, impedindo, por sua vez, construções de espaços de transformação, de fato.

Além disso, essa perspectiva seria trabalhar com a ideia da questão – sofrimento, adoecimento – já instalada e isso não me agradava. Era preciso oferecer espaços de cuidado, mas, principalmente, era preciso evitar que as pessoas adoecessem. Mas como? Se a questão não era da ordem da doença, deveria ser então de saúde... de promoção de saúde! Promoção de saúde individual também, porque as pessoas dentro das instituições sofrem na própria pele, mas era preciso ir além, pensar “macro”, era importante cuidar do ambiente, considerar a cultura e a dimensão institucional.

O professor-indivíduo adoece, na própria pele, mas os índices de adoecimento chamam a atenção! O professor adoece! O professorado, como diz Rodrigo. Quantos atestados, afastamentos, restrições, readaptações! De que natureza é essa que são feitos os professores, que os faz adoecer? Quem busca ser professor tem alguma propensão pro adoecimento? Não! Claro que não! Não é da natureza da pessoa, ou da escolha da profissão, mas da natureza do trabalho, desse ofício, tão difícil que é ensinar, educar... e lidar com gente – um tanto de gente!! E da natureza da organização do trabalho, de aspectos institucionais que fazem a instituição e, portanto, “suas pessoas” adoecerem.

Pois bem, diante desse imbróglio é preciso ousar. E assim nasceu o Programa Cultura de Paz. Um programa que procurou, ao longo dos anos que aconteceu, colocar em pauta e tirar da invisibilidade especialmente duas questões: o sofrimento psíquico no trabalho docente e a cultura de paz, ou dito de outro modo, considerar a dimensão de negatividade, destrutividade e violência presente na Educação e nos espaços e relações nas escolas - dimensão frequentemente pouco considerada para além da condição de suposta exceção, mas cuja presença é um fato: é só pensar na existência das condições de intimidação sistemática, o *bullying* entre alunos e com profissionais – as condições de assédio moral.

Temáticas tão duras e difíceis. Era preciso se abordar pelas bordas, fazendo bordas e propondo transformações. Caso contrário, ficaria insuportável. Já nos primeiros meses, foi possível incluir a temática da cultura de paz nas Olimpíadas Literárias. Todas as escolas participaram, discutiram o tema, fizeram produções e nesse processo de meses de confecção da obra literária, questões difíceis e desafiadoras ganhavam espaços de discussão. Espaços de pensar e de buscar transformar. E fui percorrendo várias escolas, inicialmente indo semanalmente por volta de quatro meses em cada uma: pela manhã, à tarde, à noite, na Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II, EJA (Educação de Jovens Adultos), Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens Adultos), participando de inúmeros HTPC e Paradas Pedagógicas, levando discussões, construindo espaços de formação, conduzindo grupos operativos com professores.

A tarefa era colocar em discussão assuntos difíceis de modo palatável e suportável, e promover reflexões, espaços de pensamento, metabolização e elaborações psíquicas, complexificando algumas questões que ficavam invisibilizadas no cotidiano escolar e da natureza do trabalho docente: condições de sobrecarga de trabalho, complexidade das condições de sofrimento psíquico nesse tipo de trabalho, dificuldade do docente em perceber as próprias condições de sofrimento e exaustão etc.

Uma outra estratégia ganharia o caráter de “queridinha” do programa. Foi uma grande aposta, mas a dimensão que tomou foi de grande surpresa: a formação de

multiplicadores “Meditação para uma Cultura de Paz”. A formação era conduzida por mim no que dizia respeito às questões do sofrimento psíquico no trabalho docente e os efeitos que este acarreta; ou dos aspectos dos quais são consequência e discussões de questões de âmbito institucional – instituições, no caso, a escola, que mesmo sem querer, acaba por produzir situações de sofrimento – e adoecimento. E pela psicóloga Ana Maria Trindade Canejo, cuja experiência em Saúde Mental e com trabalhos relacionados às Práticas Integrativas Complementares em Saúde, as PICS, era muito vasta e profunda, sendo responsável pela formação de professores no que dizia respeito à meditação.

Não estou aqui me referindo ao *mindfulness* enquanto termo e prática “da moda”, *prêt-à-porter*, capturado por estratégias de venda e aplicado de modo utilitário, num contexto de individualização e descontextualização das questões, numa perspectiva de “faça você mesmo” e de meritocracia que culpabiliza o sujeito perversamente por questões de âmbito muito maiores, institucionais e sociais. Dito de outro modo, o que fazíamos não era meditar para melhor nos adaptarmos a condições violentas, destrutivas e até perversas. Nossa tarefa era produzir pensar, produzir encontro e transformação da realidade.

Era um “curso” vivencial, de dois anos de duração, espaços de oxigenação das práticas, de encontro e suporte frente às dificuldades diárias, espaço de cuidado, de olhar para si e para os espaços institucionais e complexificar as questões que o cotidiano, as relações e as escolas impunham. Era uma proposta de formação de meditação como grupo de mediação para promoção de cuidados, reflexões, críticas e elaborações psíquicas a respeito da realidade escolar.

Era um grupo de formação de multiplicadores. A proposta inicial era que os professores pudessem cultivar esse momento de meditar, de estar, com os alunos, mas esta não era uma tarefa designada, uma incumbência, era um pano de fundo e nunca foi exigido – ou até mesmo solicitado – que nenhum professor colocasse em prática tais multiplicações. Aliás, não havia exigências produzidas pela formação: tarefas de casa, projetos, nada, exceto participar. Era, primeiro de tudo, um espaço de cuidado e de vivência. Em pouco tempo os professores começaram a relatar mudanças significativas nos espaços de trabalho, nas relações com colegas, nas interações com alunos, com as famílias e comunidade e sem que a gente pedisse, foram trazendo relatos de práticas de multiplicação, dizendo que ensinaram a familiares, fizeram um grupo com alunos, criaram um grupo com vizinhos, grupo com os professores nas escolas nos HTPC. Começamos a ouvir muitos relatos de como aquela formação mudou algumas coisas, sobre como os ajudou e que... dava “vontade de compartilhar”.

Não foi milagre, nem foi unanimidade, certamente não é uma resposta que garanta que “seus problemas acabaram”. Mas foi bom, este trabalho nos trazia satisfação e era muito gratificante perceber como algumas pessoas e escolas estavam se beneficiando com essas perspectivas. Algumas escolas queriam aprofundar o trabalho e com menos resistência para a entrada de uma psicóloga na instituição, era possível construir trabalhos mais direcionados para cada uma das escolas, cada qual com sua especificidade, com as características dos grupos de docentes, da região em que estava situada, particularidades da comunidade do entorno, entre outras.

E assim, sem mais nem menos, quando, sem qualquer pretensão, fui mensurar as ações já desenvolvidas, fui surpreendida pelo tamanho que o Programa havia tomado em tão pouco tempo. Em menos de seis meses de funcionamento, havia mais de mil ações sendo conduzidas, de maneira espontânea, pelos profissionais que estavam em formação conosco. Nenhuma estimativa que fizéssemos, por mais otimista que fosse, se aproximaria – nem de longe! – a esses números. Incrível! Que gratificante: nem tanto pela quantidade, mas pela espontaneidade! Taí o exemplo de um trabalho que trazia satisfação (para além do que podíamos esperar).

Ao longo desses anos de trabalho, e uma pandemia (Covid-19) no meio – que complexificou tudo ainda mais e trouxe outras dimensões de dificuldades nas relações das famílias com a escola, dos professores com suas tarefas de trabalho etc. – pude perceber, cada vez mais, que a categoria de professores frequentemente minimiza o sofrimento e banaliza o excesso de horas de trabalho e seus efeitos. Por vezes não consideram a existência de um mundo psíquico e nem a necessidade (inevitável) de reparação desse mundo psíquico para continuar, para restabelecer sua capacidade de trabalho, estar disponível para a vida pessoal e para os vínculos familiares e pessoais e para se restabelecer em termos de saúde e não adoecer.

Na literatura é possível identificar muitos elementos que favorecem o adoecimento, desde aspectos relacionais a elementos estruturais: temperatura, ruído, iluminação, estruturas físicas e condições e disponibilidade de materiais etc. Alguns desses aspectos, mais estruturais, são muito difíceis de mudar. O professor não tem controle sobre eles e tem pouca possibilidade de agenciamento, caindo numa condição de impotência e sofrimento. Adoecem as relações. Adoecem os corpos... e o psiquismo.

Mas é preciso sair da impotência, há algo que pode ser feito... cuidar daquilo que pode ser cuidado, manejado. E para isso é fundamental não minimizar, não banalizar. Conseguir se atentar para os aspectos mais sutis, pelos aspectos cotidianos que podem favorecer ou desfavorecer a saúde, o trabalho, os vínculos.

Neste livro, Rodrigo trouxe a importância de saber sobre os professores e seu trabalho pelas falas dos próprios professores e atentar para as sutilezas do cotidiano

de trabalho, para os interstícios, o “entre” as salas de aulas, as salas dos professores, as entradas e saídas de escola, os contatos com os pais... aspectos que povoam o dia a dia escolar, mas frequentemente pouco considerados ou valorizados como dimensões importantes no cotidiano de trabalho, minimizados como se não fossem trabalho, como se não se tratasse dessa dimensão. São nestes espaços de interstício no trabalho dos professores que ocorrem o apoio, o escoramento no vínculo intersubjetivo. A meu ver esse é um dos maiores achados da pesquisa do Rodrigo.

Não sabendo dos fatores que favorecem ou não o trabalho, a saúde etc. e minimizando-os e desconsiderando-os, como o professor pode cuidar desses aspectos? E saindo do foco individual para uma dimensão coletiva – pois pertence a esse âmbito a discussão do adoecimento dos professores – como a instituição escolar pode cuidar do seu espaço e de seus vínculos? Como os gestores de escolas e a educação podem ajudar a escola e seus docentes a construírem relações de trabalho e vínculos sustentáveis? Mas não seria isso “perfumaria”, supérfluo? Afinal o objetivo da escola não seria “olhar” para o aluno? Ora, alguém acha que esse tipo de cuidado poderia não afetar os alunos? A qualidade do ensino e aprendizagem? O clima e a cultura escolar? A comunidade escolar? Com esse tipo de cuidado todos ganham, sem exceção!

Espero que a leitura deste livro provoque, assim como provocou em mim, e fortemente pensamentos, produza reflexões, traga lembranças e construa possibilidades!

São Paulo, outubro de 2023.

Fernanda Zanetti Cinalli Giovanetti²

2 Psicóloga e Psicanalista. Doutoranda em Psicanálise e Psicologia Social - USP. Mestre em Psicanálise e Psicologia Social - USP. Especialização em Psicologia Clínica - CFP. Especialização em Neuropsicologia - USP. Especialização em Psicologia Aplicada à Educação - UEL. Aprimoramento em Gestão do SUS - ENSP/Fiocruz. Membro fundadora da Gruppalità Psíquica - Clínica Psicológica e Consultoria. Membro do Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social.

